

## ALTERAÇÃO DA ROTINA OCUPACIONAL DE CRIANÇAS COM TEA PÓS SEPARAÇÃO PARENTAL: UM ENFOQUE NAS OCUPAÇÕES INFANTIS

Change of ASD children's occupational routine after parental divorce: a focus on children occupations

Cambio de rutina ocupacional de niños con TEA tras la separación de los padres: un enfoque em las ocupaciones infantiles

**Dandara Gomes de Souza**

<https://orcid.org/0000-0002-0662-96811>

Universidade do Estado do Pará, Curso de Terapia Ocupacional, Belém, PA, Brasil

**Stefanie de Oliveira Miranda Falcão**

<https://orcid.org/0009-0007-8265-8779>

Universidade do Estado do Pará, Curso de Terapia Ocupacional, Belém, PA, Brasil

**Amélia Belisa Moutinho da Ponte**

<https://orcid.org/0000-0001-7643-7979>

Secretaria do Estado de Saúde Pública do Pará (SESPA), Belém, PA, Brasil

**Thamires Bezerra Vasconcelos de Azevedo**

<https://orcid.org/0000-0002-3322-9325>

Universidade do Estado do Pará, Curso de Terapia Ocupacional, Belém, PA, Brasil

**Débora Ribeiro da Silva Campos Folha**

<https://orcid.org/0000-0002-0743-603X>

Universidade do Estado do Pará, Curso de Terapia Ocupacional, Belém, PA, Brasil

**Resumo: Introdução:** A separação parental desencadeia uma série de mudanças na dinâmica familiar, que alteram as ocupações e rotinas de todos os membros da família. Sabe-se que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) costumam ter fortes vinculações às rotinas. Desse modo, este estudo teve como objetivo compreender e analisar alterações decorrentes da separação parental na rotina ocupacional de crianças com TEA. **Método:** Foi realizado um estudo qualitativo descritivo, utilizando um formulário online anônimo. Os participantes foram mães ou pais de crianças com TEA, que tenham vivenciado o processo de separação parental. A definição amostral foi definida a partir da técnica de saturação. Participaram 10 genitores e os dados foram analisados através de procedimentos de Análise de Conteúdo. **Resultados:** Os resultados desse estudo pontuaram diversas alterações nas ocupações infantis, como mudanças no brincar, no comportamento, na interação social, na alimentação, descanso e sono e autocuidado. **Discussão:** As alterações explicitadas pelos resultados corroboram para pensar implicações no cuidado ofertado à famílias de crianças com TEA pós-separação parental pela Terapia Ocupacional. **Conclusão:** Este estudo possibilitou identificar, compreender e analisar variadas alterações decorrentes da separação parental na rotina ocupacional de crianças com TEA, o que corrobora para a oferta de práticas favorecedoras do manejo de comportamentos e do estabelecimento de novas rotinas para crianças com TEA e suas famílias, diante da separação parental. **Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Família. Terapia Ocupacional.

**Abstract: Introduction:** Parental separation triggers a series of changes in family dynamics, which alter the occupations and routines of all family members. It is known that people with Autism Spectrum Disorder (ASD) tend to have strong attachments to routines. Therefore, this study aimed to understand and analyze changes resulting from parental separation in the occupational routine of children with ASD. **Method:** A descriptive qualitative study was carried out using an anonymous online form. Participants were mothers or fathers of children with ASD, who have experienced the process of parental separation. The sampling definition was defined using the saturation technique. 10 parents participated and the data was analyzed using Content Analysis procedures. **Results:** The results of this study highlighted several changes in children's occupations, such as changes in playing, behavior, social interaction, eating, rest and sleep and self-care. **Discussion:** The changes explained by the results corroborate the implications for the care offered to families of children with ASD after parental separation through Occupational Therapy. **Conclusion:** This study made it possible to identify, understand and analyze various changes resulting from parental separation in the occupational routine of children with ASD, which corroborates the provision of practices that favor the management of behaviors and the establishment of new routines for children with ASD and their families, given the of parental separation. **Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Family. Occupational Therapy.

**Resumen: Introducción:** La separación de los padres desencadena una serie de cambios en la dinámica familiar, que alteran las ocupaciones y rutinas de todos los miembros de la familia. Se sabe que las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) tienden a tener un fuerte apego a las rutinas. Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo comprender y analizar los cambios resultantes de la separación de los padres en la rutina ocupacional de los niños con TEA. **Método:** Se realizó un estudio cualitativo descriptivo mediante un formulario anónimo en línea. Los participantes eran madres o padres de niños con TEA, que habían experimentado el proceso de separación parental. La definición de muestreo se definió mediante la técnica de saturación. Participaron 10 padres y los datos fueron analizados mediante procedimientos de Análisis de Contenido. **Resultados:** Los resultados de este estudio resaltaron varios cambios en las ocupaciones de los niños, como cambios en el juego, el comportamiento, la interacción social, la alimentación, el descanso y el sueño y el autocuidado. **Discusión:** Los cambios explicados por los resultados corroboran las implicaciones para la atención ofrecida a las familias de niños con TEA tras la separación de los padres a través de la Terapia Ocupacional. **Conclusión:** Este estudio permitió identificar, comprender y analizar diversos cambios derivados de la separación parental en la rutina ocupacional de niños con TEA, lo que corrobora la provisión de prácticas que favorecen el manejo de conductas y el establecimiento de nuevas rutinas para los niños con TEA y sus familias, dada la situación de separación de los padres. **Palabras-clave:** Transtorno del Espectro Autista. Familia. Terapia Ocupacional.

### Como citar:

Souza, D. G.; Falcão, S. O. M.; Ponte, A. B.M.; Azevedo, T. B. V.; Folha, D. R. S. C. (2024). Alteração da rotina ocupacional de crianças com TEA pós separação parental: um enfoque nas ocupações infantis. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(4), 2778 – 2791. 10.47222/2526-3544.rbto62531

## Introdução

De acordo com Hartley et al. (2010), a taxa de separação de pais de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) foi de 23,5%, já de pais de criança sem deficiência, incluindo o TEA, foi de 13,8%, o que pode conduzir à reflexão de que pais de crianças com TEA têm maior risco de separação do que a população em geral. E, para os terapeutas ocupacionais, essa problemática reverbera ainda mais, diante das transformações nas rotinas destas crianças e do suporte necessário para o desenvolvimento e a participação destas em suas ocupações e nas ocupações familiares.

Elucidando o TEA, o DSM-5 infere que é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. Portanto, diversos são os fatores que alteram ou influenciam a rotina de crianças com TEA, posto que esse grupo insiste em rotinas fixas e possuem aversão à mudança, não somente no meio externo, mas dentro de casa, em seu ambiente domiciliar (American Psychiatric Association, 2014). Dessa forma, a separação parental é uma das situações que pode alterar rotinas e trazer prejuízos ocupacionais às crianças com TEA.

Para a American Occupational Therapy Association – AOTA (2020), a Terapia Ocupacional é uma grande aliada no processo de envolvimento das pessoas em suas ocupações, garantindo que os objetivos estabelecidos para a vida de cada uma delas sejam alcançados com saúde e bem-estar. Nesse sentido, é imprescindível ressaltar que ocupação e rotina são conceitos inerentes à atuação do terapeuta ocupacional.

As ocupações podem ser compreendidas como um conjunto de afazeres que podem ser influenciados pelo convívio, valores individuais, familiares e pelo tempo, tornando-se algo comum à vida cotidiana. No contexto da infância, as ocupações podem ser observadas como atividades facilitadoras do desenvolvimento infantil, as quais mediam o desenvolvimento ocupacional da criança. Nesse contexto, o repertório ocupacional infantil é formado de acordo com a interação com o meio, seja com a família, amigos ou conhecidos, por meio, principalmente, do brincar (Polatajko, 1992; Salles & Matsukura, 2016; Ivarsson & Mullersdorf, 2009)

Somado a isso, a rotina é o prosseguimento de ocupações ou atividades que fazem parte do contexto de formação da vida de um indivíduo. O terapeuta ocupacional pode atuar pensando desde as formas de estruturação das rotinas, posto que esta precisa se apresentar de acordo com as necessidades e particularidades de cada pessoa e família (Santos 2019; American Psychiatric Association, 2014).

No que diz respeito a rotina ocupacional, trata-se de um agrupamento de ocupações organizadas e estruturadas em prol dos pacientes, envolvendo diversas áreas de desempenho, como Atividades de Vida Diária (AVD), o brincar, o estudo e as interações sociais. Contudo a rotina ocupacional é passível de mudanças, visto que algumas adaptações são necessárias nas ocupações humanas, para garantir promoção e manutenção adequadas para o tratamento e para a vida cotidiana (Mannini et al., 2015; Rodrigues et al., 2021).

Portanto, o presente estudo objetivou, compreender e analisar alterações da separação parental na rotina ocupacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como identificar como os pais dessas crianças manejaram a estruturação de novas rotinas diante da nova composição familiar; descrever os desafios relacionados ao desempenho de ocupações observados mais comumente nas rotinas de crianças com TEA pós separação parental e analisar as rotinas de crianças com TEA pós separação parental à luz da Terapia Ocupacional.

## **Métodos**

Tratou-se de uma pesquisa de caráter qualitativo descritivo, na qual utilizou-se um formulário online, de abrangência nacional, com disponibilização do link na página do Instagram previamente criada para essa finalidade (informação suprimida para não comprometer a avaliação cega por pares) direcionando a plataforma de gerenciamento Google Forms.

Segundo Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa abrange uma abordagem subjetiva do mundo, possibilitando uma maior interpretação dos cenários naturais, ou seja, atribui grande importância aos depoimentos dos atores sociais envolvidos no estudo. Para mais, a investigação qualitativa objetiva contextualizar os processos que cada indivíduo se encaixa e explorar a forma que eles vivenciam os fatos que estão em seu ambiente. Dessa forma, foi possível descrever e analisar os resultados com riqueza de detalhes, de acordo com as experiências singulares de cada um, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão (Sampieri et al., 2014).

A pesquisa seguiu todas as diretrizes éticas aplicáveis aos participantes humanos e obteve aprovação do Comitê de Ética com o número de protocolo (informação suprimida para não comprometer a avaliação cega por pares), em 21 de dezembro de 2022.

Os participantes foram mães ou pais de crianças com TEA. Foram considerados como critérios de inclusão mães ou pais de crianças maiores de 3 e menores de 12 anos diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA); pais separados há pelo menos 3 meses e que residam em domicílios diferentes; pais que se separaram após a criança já ter sido diagnosticada com TEA e famílias cujas crianças passem pelo menos 1 fim de semana a cada 15 dias em casas diferentes.

Já os critérios de exclusão foram mães ou pais de crianças com TEA que estejam separados, mas refiram ainda residir no mesmo domicílio; famílias com guarda unilateral permanente ou abandono parental; mães ou pais que assinalem, no questionário, não estar bem psicologicamente para responder ao instrumento de pesquisa.

Um formulário google foi elaborado pelas pesquisadoras e estruturado com 23 perguntas abertas e fechadas, precedidas pela apresentação do TCLE e a aprovação do CEP, em forma de documentos para download, a fim de assegurar confiabilidade e esclarecimento aos participantes que consentissem dados à pesquisa.

As perguntas contidas no instrumento de pesquisa tiveram a finalidade de definir o perfil dos participantes, o tempo de separação dos pais e as principais alterações observadas na rotina da criança após a separação, como a divisão de dias e tarefas com a criança, comunicação acerca da separação, mudanças comportamentais, quantidade de terapia e alterações nas Atividades de Vida Diária, como sono, alimentação e autocuidado. Além disso, as perguntas contemplaram as relações sociais e a ocupação brincar da criança, após a separação parental.

O link do formulário foi disponibilizado a todos com acesso a computador ou celular e à internet, e o preenchimento deste teve duração média de 10 minutos. A captação de participantes foi feita por ampla divulgação do questionário. Além disso, as pessoas também divulgaram umas às outras, utilizando-se da amostragem por conveniência. Para mais, houve divulgação ativa em grupos nos quais se encontravam pais de crianças com TEA, como clínicas e comunidades de pais para captar os participantes.

O formulário foi respondido por 10 genitores, entre mães e pais, no período de abril a junho de 2023, tendo fechamento amostral por amostragem de saturação, para assegurar a validação de todas as respostas obtidas, repetições e distinções, até que se contemplassem os objetivos propostos.

As respostas foram submetidas a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). Para isso, foram empregados métodos técnicos que incluíram a contagem da frequência de palavras usadas, a análise da relação de significados entre elas e a categorização. Ao agrupar essas unidades, foram definidas categorias de análise para este estudo como idade e tempo de diagnóstico da criança, tempo de separação dos pais e quais mudanças e dificuldades foram notadas na criança diante da mudança nas rotinas familiares.

## **Resultados**

Os resultados deste estudo permitem identificar como os pais das crianças com TEA, participantes da pesquisa, manejaram a estruturação de novas rotinas diante da nova composição familiar pós separação parental.

Participaram desta pesquisa 18 genitores, dentre pais e mães. Após análise das respostas, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, selecionou-se 10 participantes, dentre esses, 7 foram mães e 3 pais de crianças com TEA. A classificação etária das crianças representadas na pesquisa foi entre 3 e 10 anos de idade. Sobre o tempo de diagnóstico, 6 crianças possuem entre 5 e 7 anos e 4 crianças entre 2 e 3 anos de diagnóstico. Ainda, o tempo em que os pais residem em domicílios diferentes varia entre 5 meses e 5 anos, conforme se pode visualizar na Tabela 1.

No que se refere a quantidade de dias que a criança passa com cada genitor, os pais A, C, F e G relatam que as crianças veem ambos os pais todos os dias, apesar da separação. As mães D e I relatam que as crianças passam um final de semana a cada 15 dias com o pai. Os pais das outras quatro crianças possuem combinados específicos, por exemplo: morar com a mãe e ver o pai duas vezes na semana, dormir uma semana com cada genitor e dividir as responsabilidades do dia a dia.

**Tabela 1.** Caracterização dos participantes da pesquisa.

Código do participante	Idade	Quem respondeu ao questionário de pesquisa	Tempo de diagnóstico do TEA	Tempo que os pais residem em domicílios diferentes
Mãe A	8	Mãe	5 anos	1 ano e 6 meses
Mãe B	10	Mãe	5 anos	5 anos
Mãe C	6	Mãe	3 anos	5 meses
Mãe D	3	Mãe	2 anos	2 anos
Pai E	9	Pai	5 anos	5 anos
Pai F	7	Pai	5 anos	5 anos
Mãe G	7	Mãe	5 anos	4 anos
Pai H	10	Pai	7 anos	3 anos
Mãe I	4	Mãe	2 anos	2 anos
Mãe J	3	Mãe	2 anos	1 ano

**Fonte:** Elaboração das autoras, 2023.

No que diz respeito a como a criança foi comunicada sobre a separação, 8 das crianças não foi comunicada, sendo 4 devido à idade. Apenas 2 foram comunicadas através de conversa. A comunicação da separação parental para o terapeuta aconteceu em 6 casos, como elucida o trecho do relato: “[...] *informamos a data que a criança seria comunicada e pedimos que relatassem qualquer demanda. TO, fono, psicopedagoga e fisio. Professora também*” (Mãe A).

Sobre pedir ajuda aos terapeutas para comunicar a criança sobre a separação parental, nove famílias não pediram auxílio, apenas uma pediu ajuda e relatou: “[...] *ela era muito pequena e com o tempo e de forma lúdica fomos informando que o pai não iria mais morar conosco*” (Mãe I).

Diante da separação, 6 crianças continuaram fazendo a mesma quantidade de terapias e 4 passaram a fazer mais terapias. A Mãe B discorreu que seu filho fazia terapia duas vezes na semana e passou a fazer todos os dias, devido a comportamentos inadequados. A criança representada pela Mãe G apresentou mudança de comportamento e teve mais episódios de crise, por isso também aumentou a quantidade de terapias.

De acordo com a pesquisa, na divisão de cuidado das crianças com TEA pós separação, 4 participantes relataram cuidado majoritariamente da mãe, 4 referiram divisão de cuidados igualitária entre as tarefas, 1 relatou que é majoritariamente o pai e 1 citou: “[...] *Rotina matinal com a mãe e vespertina com o pai. Finais de semana alternados. Nas terapias, majoritariamente a mãe ou familiares maternos*” (Mãe G).

No que tange a mudança de comportamento na criança com TEA durante ou após o processo de separação parental, 9 crianças apresentaram alteração comportamental. De acordo com os genitores, alguns dos comportamentos observados foram: isolamento social, aumento das estereotipias e

comportamentos inadequados, agitação, irritabilidade, agressividade com o pai, ansiedade e alterações no sono. Observou-se também comportamentos isolados, que não aconteciam antes, nem voltaram a acontecer depois: *“No início, aparentemente, ele não entendeu que era definitivo. Quando entendeu, passou por uma crise de ansiedade que durou aproximadamente 15 dias. Nunca havia acontecido antes e não voltou a acontecer depois”* (Mãe A). Ainda, a Mãe G apresentou dificuldade com a troca de domicílios, mas com o tempo ficou mais tranquila, pois não houve mais tensão entre o casal na mesma casa: *“[...] no início era muito difícil quando ele tinha que sair da casa do pai para ir para casa e vice-versa. Ele não dava conta das “trocas de turno”. Com o tempo percebi ele mais tranquilo, talvez pelo fato de não mais existir a tensão entre o casal em casa.”*

A alteração no sono foi citada por 6 famílias, sendo a cama compartilhada citada por 3 delas, conforme o relato:

*Desde que saiu da maternidade dormia no próprio quarto. Após, a separação, apresentou sono muito agitado e interrompido. Só melhorou com cama compartilhada. Iniciamos recentemente (2 meses) a volta para o próprio quarto. Hoje já consegue passar a maior parte da noite no próprio quarto ou (esporadicamente) a noite inteira. Quando desperta volta para a cama compartilhada e é sempre acolhido.* (Mãe A)

Na alimentação, a Mãe A referiu compulsão alimentar e a Mãe J informou piora na seletividade alimentar. Os demais participantes relataram nenhuma alteração na alimentação. Na rotina de autocuidado da criança, o Pai F narrou que a criança apresentou maior dependência para a realização de tarefas de autocuidado, como escovar os dentes e fazer uso do vaso sanitário sozinho e a Mãe G mencionou maior dependência no autocuidado não especificada.

No que se refere a relação com irmãos, metade dos participantes não têm irmãos e a outra metade têm. Em 3 famílias, observou-se alguma alteração na relação da criança com seus irmãos, como mais apego, ciúmes e irritabilidade, nas outras 2 famílias que têm irmãos não foram observadas alterações na relação.

Diante das relações sociais, 6 crianças não apresentaram nenhuma mudança. A Mãe C mencionou que a criança apresentou agressividade com o pai, a Mãe G referiu proximidade com a vó materna, o Pai H narrou desorganização e interesse por ficar em um dos lares, já a Mãe J referiu busca por atenção e comportamentos agressivos e defensivos nas relações sociais.

No que diz respeito a ocupação brincar, metade das crianças mostrou alteração na forma de brincar. Dentre elas, foram notadas alterações como busca pela presença dos pais em atividades que realizava sozinho, preferência por brincar isolado, dependência de telas e brincar não funcional.

**Quadro 1:** Participação nas ocupações infantis a partir da alteração de rotinas.

Principais características referidas nas ocupações				
Alimentação	Descanso e sono	Brincar	Participação social	Autocuidado

Aumento da seletividade alimentar (n=1)	Necessidade de cama compartilhada (n=3)	Busca pela presença dos pais no brincar (n=1)	Agressividade com o pai (n=1)	Dependência em escovar os dentes e fazer o uso do vaso sanitário (n=1)
Compulsão alimentar (n=1)	Dormir mais tarde (n=1)	Preferência por brincar sozinho (n=2)	Proximidade com a avó materna (n=1)	Maior dependência no autocuidado não especificada (n=1)
Sem mudanças (n=8)	Acordar durante a madrugada e permanecer acordado (n=1)	Dependência em telas (n=1)	Desorganização e interesse por ficar em 1 dos lares (n=1)	Sem mudanças e sem evolução no grau de independência (n=2)
	Alterações do sono não especificadas (n=2)	Brincar não funcional (n=1)	Busca por atenção, agressividade e comportamento defensivo (n=1)	Sem mudanças (n=6)
	Sem mudanças (n=3)	Sem mudanças (n=5)	Sem mudanças (n=5)	

**Fonte:** Elaboração das autoras, 2023.

Com relação a influência do diagnóstico na relação conjugal, 6 genitores relataram que houve influência na relação. Sendo que, em duas famílias houve aumento de brigas, como se pode constatar por meio do excerto “[...] o pai biológico não aceitou o diagnóstico. Tivemos problemas conjugais, muitas brigas, com agressão verbal e física” (Mãe B). Outra participante referiu traição, como mostra o relato: “Traição. Ele passou a ter outro relacionamento fora do casamento, acredito que não deu conta do stress do cotidiano familiar, sobretudo, no manejo com o filho com TEA” (Mãe G).

Para mais, observou-se relato referente a não aceitação do diagnóstico por parte do pai “Após o diagnóstico o pai não aceitava xingava a neuropediatra e não ajudava no acompanhamento das terapias que ficavam a cargo da mãe isso influenciou para separação” (Mãe I). Ainda, foi apontada diminuição no tempo de qualidade do casal “Passamos a ter menos tempo como casal. Nossa atenção se voltou para os tratamentos do nosso filho” (Mãe J).

Em contrapartida, 4 genitores relataram que não houve influência na relação. Um deles referiu que o cuidado com a criança sempre foi ponto de vínculo saudável entre os pais, outro apontou o fato de pensarem diferente como a causa da separação, como expõe o relato:

*De maneira alguma, amo meu filho demais, minha separação com a mãe se deu pelo fato de pensarmos um pouco diferente em algumas coisas, mas mesmo que com essa diferença, não era um ambiente agressivo para ele, aonde ele poderia ver o pai e a mãe brigando, em discussões, sempre nos atentamos a isso, até mesmo por ele, não seria bom. (Pai F)*

Em relação a principal dificuldade que os pais enfrentam na rotina de cuidados com a criança pós separação, apenas um participante relatou não ter nenhuma dificuldade. Dois relataram que a maior dificuldade é o cuidado unilateral por parte da mãe. Três expuseram a dificuldade de participação ativa do pai na rotina dos filhos, um relatou a dificuldade na divisão de tempo entre os pais, um expôs as

perguntas frequentes sobre o motivo da separação e o desejo pela reconciliação dos pais, além disso, não morar junto com a criança também foi citado uma vez e um relatou a dificuldade em manter a terapia em casa.

No que diz respeito aos principais desafios na rotina da criança que os pais atribuem a separação, foram relatadas mudança de comportamento, dificuldade do sono e na troca de turno entre os lares, resistência em ir para a casa do pai e crises de desorganização mais frequentes. Outros fatores podem ser visualizados nos excertos a seguir: "*episódio de crise de ansiedade, dificuldade no sono, compulsão alimentar e busca pelos pais em atividades que realizava sozinho*" (Mãe A) e "[...] *na minha opinião, eu acho que é não ter a presença do pai e mãe juntos, quando ele passa um tempo comigo, ou quando dorme na minha casa, e levo ele de volta para a mãe, percebo ele chateado, ou triste*" (Pai F).

## **Discussão**

A separação é um evento estressante devido às mudanças envolvidas que afetam o bem-estar emocional e físico de todos os membros da família, especialmente as crianças, uma vez que a separação não elimina as responsabilidades parentais. Observou-se nos resultados da pesquisa que existem várias formas de dividir os cuidados da criança e em alguns casos incluem o cuidado unilateral por parte da mãe ou do pai. Como elucida Peck & Manocherian (2001), no que se refere a separação parental, sabe-se que é um processo complexo, envolvendo várias etapas, que são: a decisão de se separar, a comunicação da separação para filhos e família, a efetivação da separação, a criação de novas dinâmicas familiares e a expectativa de reorganização da família. Durante esse processo, a fase de efetivação da separação é especialmente desafiadora, devido as emoções conflitantes e vulnerabilidade emocional.

De acordo com Barbosa (2018), é importante destacar que as crianças precisam de estímulos dentro da sua rotina que favoreçam seu desenvolvimento ao longo dos anos. No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse desenvolvimento é, frequentemente, atípico e tardio, devido à múltiplas influências, como dificuldade no aprendizado, na interação social, na habilidade perceptiva, a falta de estímulos do meio, entre outros aspectos.

Machado (2019) compreende que, para a criança com TEA, a rotina é de suma importância, visto que é necessária para organizar o seu cotidiano e fazê-la assimilar as suas ocupações, de forma a gerar confiança nos espaços que ela frequenta e na forma de realizar suas ocupações com êxito. Como observado dentro dos dados desse estudo, as ocupações humanas são facilitadoras no processo de estruturação da rotina infantil, em que é notável que as crianças possuem ocupações importantes para o desenvolvimento humano, como o autocuidado, alimentação e a interação social.

É notável que a rotina da criança é adequada a realidade de cada família, sendo que com a separação parental, há mudanças relevantes, como a troca de turno entre os lares e divisão de cuidados, como observado nos resultados da pesquisa. Sobre isso, Matsukura & Menecheli (2011) evidenciam que a rotina familiar se adequa às necessidades da criança com desenvolvimento atípico, como as com TEA. Contudo, uma das grandes dificuldades é manter ou elevar o nível de autonomia da criança nas suas Atividades de Vida Diária (AVDs), dentro de suas rotinas e seus ambientes domiciliares.



Um de estudo da Terapia Ocupacional que é referenciado na pesquisa são as ocupações humanas. Segundo a pesquisadora do campo da Terapia Ocupacional Polatajko (1992), as ocupações têm papel fundamental na vida do ser humano, que é entendido como um ser ocupacional. A Terapia Ocupacional é a profissão focada em habilitar as pessoas para a realização de suas ocupações e participação nas rotinas que lhes são importantes. Desse modo, as ocupações são entendidas como inerentes à vida humana, de acordo com as subjetividades e contextos os quais as pessoas estão inseridas.

Para a AOTA (2020), as AVDs estão imersas no conjunto de ocupações imprescindíveis para o desempenho ocupacional humano, posto que agregam independência e bem estar, além de favorecer a vida do indivíduo em sociedade. Elas são as atividades desempenhadas no cotidiano, tais como banho, controle de esfínteres, uso de vaso sanitário, alimentação, vestir-se, mobilidade funcional, higiene pessoal, cuidados pessoais e atividade sexual.

Como pode ser observado no Quadro 1, são notáveis as mudanças que aconteceram após a separação na rotina ocupacional das crianças participantes do estudo, sendo observado que o desempenho das AVDs é uma dessas mudanças, visto que torna as crianças com TEA mais dependentes em tarefas antes desempenhadas de forma independente. De acordo com os estudos de Schmidt et al. (2007), evidencia-se que o desempenho das AVDs são obstáculos observados na vida da criança com TEA, como alimentar-se sozinho, brincar funcional de forma independente e manter vínculos em relações sociais, que se enquadram em aspectos de mudança observados na pesquisa.

No que diz respeito a criação de novas dinâmicas familiares, quando as rotinas são expostas ao convívio familiar, precisam atender as necessidades de todos os membros da família. Dessa forma, a estruturação familiar, entre outros aspectos, depende da capacidade dos familiares em estruturar uma rotina por meio do gerenciamento do tempo, os chamados ritmos biológicos. Diante desse contexto, observam-se os ciclos de acordar e dormir, as ocupações, as atividades sociais e os padrões culturais (p. ex. celebração de aniversário e outras datas comemorativas), como catalisadores de uma rotina familiar (Larson & Zemke, 2003).

Compreende-se que os pais encontram desafios na participação nas ocupações infantis, a partir da alteração da rotina ocupacional de crianças que vivenciam a separação, como mudanças comportamentais, seletividade alimentar, dificuldade no sono, alteração no desempenho das AVDs, como explicitado no Quadro 1. Segundo Santos (2019) e American Psychiatric Association (2014), esses desafios são compreensíveis, posto que a mudança na rotina devido a separação parental, confere atribuições no que diz respeito a planejar, organizar e enfrentar mudanças de cenário.

Com os resultados, foi possível observar que após a separação parental, um empecilho que gerou dificuldades à criança foi a mudança de rotina e a convivência em 2 casas diferentes. De acordo com Branco & Pastor (2019), a rotina infantil tende a mudar consideravelmente com a separação, pois os pais que outrora casados e morando na mesma residência, passarão a residir em duas casas diferentes, sendo essa uma alteração relevante da estrutura familiar. Isso resulta em prejuízos à vida da criança que vivencia a separação parental, como as implicações na área afetiva (tristeza, agressividade, angústia, entre outros sentimentos que podem ser experimentados).

No contexto de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), entende-se que a rotina é uma garantia de organização, segurança e proteção, tornando-se mais difícil a adaptação pós separação. Diante disso, segundo a American Psychiatric Association (2014), o DSM-5 infere que crianças inclusas no TEA insistem em rotinas fixas e possuem aversão à mudança, não somente no meio externo, mas dentro de casa, em seu ambiente domiciliar.

Para Gadia et al. (2004), no TEA é comum observar-se alterações comportamentais, como isolamento, pobre contato visual, agressividade, dificuldade de participar de atividades em grupo, indiferença afetiva ou até mesmo demonstração exacerbada de afeto. Na separação parental, esses aspectos podem se tornar ainda mais evidentes na vida dessas crianças, com o aparecimento de padrões de comportamento repetitivos estereotipados e ansiedade diante da nova realidade familiar, como observado nos resultados da pesquisa.

Foi notado na pesquisa que a principal dificuldade que os pais enfrentam na rotina de cuidados com a criança pós separação é o cuidado unilateral por parte da mãe, a dificuldade de participação ativa do pai na rotina dos filhos e a dificuldade na divisão de tempo entre os pais. Sobre isso, Johnson & Myers (2007) relatam que a interação social e a autonomia são desafios enfrentados pelas crianças com TEA e os cuidadores experimentam consequências significativas, incluindo sobrecarga física, emocional e social, decorrente dos cuidados com esses indivíduos. Dessa forma, diante da separação parental, se os cuidados não forem divididos igualmente, haverá sobrecarga no cuidador principal.

Segundo pesquisa de Cadman et al. (2012), realizada no Reino Unido com 192 famílias que cuidam de pessoas entre 14 a 24 anos. Essas pessoas possuem diagnóstico de TEA ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) desde a infância, sendo que o nível de sobrecarga da família e cuidadores de crianças com TEA são mais elevados se comparados com as famílias de crianças com desenvolvimento típico. Portanto, famílias com crianças com TEA tem maior nível de estresse, que gera influência na relação conjugal.

À luz da Terapia Ocupacional, o ser humano pode enfrentar desafios, sejam eles ambientais, culturais ou pessoais. Nesse contexto, o terapeuta ocupacional é atuante em todas as idades, tornando esse ser apto e participativo em suas ocupações, atuando no desenvolvimento de novas habilidades, na modificação ou adaptação de ambientes, sendo um facilitador no processo de conquistas e adequações para a execução desses fazeres (Yerxa, 1993).

Observou-se nos resultados que a maioria das famílias optaram por não contar ao terapeuta sobre a separação, portanto, não receberam auxílio nesse quesito. Para a AOTA (2020), o atendimento terapêutico ocupacional é para além do indivíduo, pois inclui os envolvidos no cuidado desses, como os cuidadores. Ademais, coletam e analisam informações sobre as preferências, necessidades, contextos, habilidades e riscos ocupacionais a partir de uma perspectiva ocupacional. Portanto, é indubitável que o terapeuta ocupacional, imerso no contexto infantil, não atende apenas a criança, mas ajuda também na comunicação entre famílias, acolhendo demandas e intervindo com os membros do núcleo familiar.

Além disso, dentre as formas de atuação do terapeuta ocupacional, a intervenção é pautada após a realização da avaliação, onde é realizada a articulação de condutas terapêuticas de acordo com o caso. Então, é imprescindível que as famílias compreendam que o terapeuta ocupacional precisa entender as demandas familiares, como a separação parental, para que consiga intervir de forma íntegra no desenvolvimento infantil, contemplando suas particularidades. De acordo com Misquiatti et al. (2015), essas condutas podem ser modificadas de acordo com as demandas do cliente, devido mudanças no cenário vivenciado, sejam elas domiciliares, escolares, psicológicas, entre outras. Dessa forma, compreender como as crianças com TEA e seus familiares manejam o diagnóstico é um elemento essencial para o planejamento de intervenções, dirigidas as crianças e a sua família.

Além disso, o processo de avaliação e tratamento de crianças com TEA, leva em consideração o contexto, o ambiente, as demandas das atividades e as habilidades necessárias para realizá-las. Desse modo, é de suma importância considerar as condições que cercam o indivíduo e os fatores do cliente, que incluem as condições físicas e sociais em que está inserido. Ainda, os cuidadores desempenham papel crucial na avaliação, posto que os papéis desempenhados, hábitos e o equilíbrio ocupacional dos cuidadores são levados em consideração para que seja feita uma intervenção abrangente e eficaz (Gee et al., 2018).

Então, a atuação do terapeuta ocupacional deve levar em consideração a separação parental na avaliação, planejamento e intervenção de Terapia Ocupacional junto a criança e a sua família, pois é uma situação que interfere na rotina ocupacional da criança com TEA e da família que vivenciou a separação. O terapeuta ocupacional então atuará como facilitador no processo da adaptação a nova rotina, capacitando os indivíduos a se tornarem envolvidos em suas ocupações, por meio do desenvolvimento de novas habilidades, adaptação ou modificação de ambientes.

## **Conclusão**

Esta pesquisa apontou reverberações da separação parental na rotina ocupacional de crianças com TEA, sendo que os resultados apresentaram diversas implicações nos comportamentos e rotinas infantis. No que se refere a compreender e analisar as alterações da separação parental na rotina ocupacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os resultados demonstraram que a separação parental pode ser observada como um aspecto que altera a rotina infantil, posto que afeta o desempenho ocupacional da criança.

Sobre identificar como os pais de crianças com TEA manejaram a estruturação de novas rotinas diante da nova composição familiar, elucida-se que os resultados apontaram que muitos pais não consideraram o terapeuta ocupacional, ou qualquer outro terapeuta, como um profissional apto a ser facilitador e intervir nas demandas infantis e/ou familiares. Além disso, observou-se que a sobrecarga unilateral de cuidados para com a criança, também permeia o contexto de separação parental.

No que diz respeito a descrever os desafios relacionados ao desempenho de ocupações observados mais comumente nas rotinas de crianças com TEA pós separação parental, os resultados indicaram as algumas implicações, inclusive que as crianças ficaram mais dependentes de seus pais, no que concerne a execução de ocupações que comumente realizavam de forma independente.

Com relação a analisar as rotinas de crianças com TEA pós separação parental à luz da Terapia Ocupacional, é importante ressaltar que a atuação do terapeuta ocupacional seria benéfica diante das rotinas ocupacionais de crianças com TEA que vivenciaram a separação parental, posto que este é um profissional competente para coletar demandas, intervir com a criança e a auxiliar também a família no manejo da nova composição familiar, portanto espera-se que os resultados observados sejam catalisadores de novas pesquisas relacionadas a esta temática.

Ainda, a pesquisa favorece a criação de políticas públicas que beneficiem a integridade das rotinas ocupacionais infantis no geral, bem como reafirma a necessidade do fornecimento do serviço de Terapia Ocupacional às famílias, visto que as mudanças de rotina geram impacto na participação ocupacional dessas crianças.

Diante dessa perspectiva, o estudo demonstrou ser um assunto relevante e contemporâneo para a pesquisa em Terapia Ocupacional, beneficiando a comunidade acadêmica e profissional, posto que contribuiu para que se entenda quais os maiores desafios na rotina ocupacional de crianças com TEA pós separação parental e para que se identifique como os pais manejam a nova estruturação da rotina dessas crianças a partir da separação. Logo, o estudo favoreceu a compreensão de demandas para a Terapia Ocupacional junto às famílias que vivenciaram a separação, de forma a contribuir para a atuação terapêutica ocupacional. Além disso, a pesquisa contribuiu para a atuação de outros profissionais da equipe multiprofissional, incluindo equipes escolares, que intervêm diretamente com crianças com TEA.

Dessa forma, esse estudo é de grande importância para a comunidade, pois a atuação do terapeuta ocupacional junto as famílias, visa acolher as demandas relacionadas as mudanças comportamentais da criança e auxiliar na superação de conflitos, a fim de compreender e contribuir com as famílias que vivenciam as alterações na rotina ocupacional infantil pós separação parental.

Para mais, mostra-se necessário que o terapeuta ocupacional atue no estabelecimento da rotina da criança com TEA pós separação parental, para isso, a prática clínica do terapeuta ocupacional deve ser coerente as demandas relacionadas a criança em seu contexto integral, levando em consideração os aspectos biopsicossociais relacionados a ela, como a separação parental.

## Referências

American Occupational Therapy Association. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain et process. (4th. ed.).

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. (5th. ed.).

Barbosa, L. A. A. (2018). *A arquitetura de interiores como ferramenta complementar para estímulo ao desenvolvimento da criança atípica com autismo*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife].

<https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/download/1595/1130>

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. Edições 70.

Branco, G. S. S., & Pastor, V. P. (2019). OS IMPACTOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS FRENTE À SEPARAÇÃO DOS SEUS PAIS. *Veredas FAVIP: Revista Eletrônica de Ciências e Cultura*, 12(1).

Cadman, T., Eklund, H., Howley, D., Hayward, H., Clarke, H., Findon, J., ... & Glaser, K. (2012). Caregiver burden as people with autism spectrum disorder and attention-deficit/hyperactivity disorder transition into adolescence and adulthood in the United Kingdom. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 51(9), 879-888.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2th. ed.).

Fiese, B. H. (2007). Routines and rituals: Opportunities for participation in family health. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 27(1), 41-49. <https://doi.org/10.1177/15394492070270S106>

Gadia, C. A., Tuchman, R., & Rotta, N. T. (2004). Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de pediatria*, 80, 83-94. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300011>

Gee, B. M., Nwora, A., & Peterson, T. W. (2018). Occupational Therapy's Role in the Treatment of Children with Autism Spectrum Disorders. In *Occupational Therapy-Therapeutic and Creative Use of Activity*, 1-27. <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.78696>

Hartley, S. L., Barker, E. T., Seltzer, M. M., Floyd, F., Greenberg, J., Orsmond, G., & Bolt, D. (2010). The relative risk and timing of divorce in families of children with an autism spectrum disorder. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 449. <https://doi.org/10.1037/a0019847>

Ivarsson, A. B., & Müllersdorf, M. (2009). Occupation as described by occupational therapy students in Sweden: A follow-up study. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 16(1), 57-64. <https://doi.org/10.1080/11038120802570845>

Johnson, C. P., & Myers, S. M. (2007). Identification and evaluation of children with autism spectrum disorders. *Pediatrics*, 120(5), 1183-1215. <https://doi.org/10.1542/peds.2007-2361>

Larson, E. A., & Zemke, R. (2003). Shaping the temporal patterns of our lives: The social coordination of occupation. *Journal of Occupational Science*, 10(2), 80-89. <https://doi.org/10.1080/14427591.2003.9686514>

Machado, G. D. S. (2019). A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gepesvida*, 5(10). <https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/337>

Mannini, J., Nascimento, J. S., & Pelosi, M. B. (2015). A rotina ocupacional de pacientes implantados com cardiodesfibriladores. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(1), 31-42. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO486>

Matsukura, T. S., & Menecheli, L. A. (2011). Famílias de crianças autistas: demandas e expectativas referentes ao cotidiano de cuidados e ao tratamento. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 19(2). <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/457>

Misquiatti, A. R. N., Brito, M. C., Ferreira, F. T. S., & Assumpção Júnior, F. B. (2015). Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. *Revista Cefac*, 17, 192-200. <https://doi.org/10.1590/1982-0216201520413>

Peck, J. S., Manocherian, J. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2th. ed.).

Polatajko, H. J. (1992). Naming and framing occupational therapy: A lecture dedicated to the life of Nancy B. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 59(4), 189-199. <https://doi.org/10.1177/000841749205900403>

Rodrigues, K. V. S., Najjar, E. C. A., & de Castro, Y. S. G. (2021). Adesão ao tratamento e rotina ocupacional de pacientes com hipertensão arterial atendidos em uma unidade básica de saúde em Belém-Pará. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 5(2), 170-187. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto36422.

Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2016). O uso dos conceitos de ocupação e atividade na Terapia Ocupacional: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(4), 801-810. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAR0525>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2014). *Metodología de la investigación*. (6th. ed.).

Santos, V. M. dos. (2019). *As contribuições da rotina para uma criança autista na educação infantil*. [TCC - Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33233>

Schmidt, C., Dell'Aglio, D. D., & Bosa, C. A. (2007). Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20, 124-131. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100016>

Yerxa, E. J. (1993). Occupational science: A new source of power for participants in occupational therapy. *Journal of occupational science*, 1(1), 3-9. <https://doi.org/10.1080/14427591.1993.9686373>

**Contribuição das autoras:** D.G.S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. S.O.M.F.: Elaboração, coleta de dados, análise dos dados, revisão do texto. A.B.M.P.: Orientação do trabalho e revisão do texto. T.B.V.A.; Orientação do trabalho e revisão do texto. D.R.S.F.: Orientação do trabalho e revisão do texto.

**Recebido em:** 05/05/2024

**Aceito em:** 03/07/2024

**Publicado em:** 31/10/2024

**Editor(a):** Daniela Tonús